O homem dos equinócios

Entre o Brasil e o Vietnã, o francês Bernard Vassas propõe modelo cubano de preservação do patrimônio histórico

POR ALVARO MACHADO, DE ALCÂNTARA

À moda de ilustres compatriotas precedentes, o francês Bernard Vassas aportou no Brasil, há 29 anos, necessitado de revigorar-se. No Rio de Janeiro, viveria um ano sabático, possibilitado por bolsa do Ministério das Comunicações de seu país. "Àquela época, o Brasil era muitas vezes confundido com a África", diz, o riso solto ao ver sua trajetória comparada à do personagem de Jean-Paul Belmondo no filme *O Homem do Rio*, de 1964. Vassas, contudo, não se visualizava em enredo no qual havia caça de tesouro entre índios, antes estudava as mecânicas de produção do telejornalismo nos trópicos tristes. Enquanto isso, embebia-se da "civilização carioca" e decidia ficar. Passou a intermediar internacionalmente transmissões de documentários e jogos. "O patrimônio natural e histórico, e aquele dos esportistas brasileiros, é muito admirado no exterior, fator de conquista sempre subaproveitado."

Sua vida caminhava entre Rio, Miami e Londres, a abastecer canais de tevê europeus e norte-americanos com a produção de documentários sobre craques e belezas sul-americanas, quando, no alvorecer do século XXI, aportou no Maranhão. São Luís, fundada por franceses em 1612, tomada pelos portugueses dois anos depois, e Alcântara ascenderam-lhe o espírito desbravador. "Havia potencial turístico nesse enorme conjunto pombalino, semelhante ao de Havana Velha, onde trabalhei em 2001. Alcântara é uma Paraty em lugar protegido como Paquetá. Um pequeno paraíso." Contudo, tombados pela Unesco, os conjuntos maranhenses exibiam ocupações residenciais e comerciais predatórias, ruas inseguras e omissão de fiscalização, a permitir carga pesada junto a muros centenários, e esgoto a céu aberto próximo à maior construção barroca do Maranhão, a Igreja do Carmo, em Alcântara.



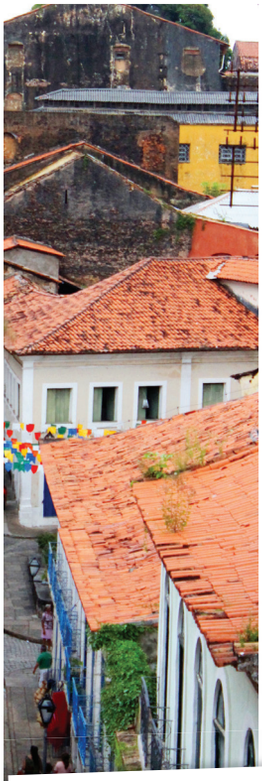
O homem de Alcântara. A vislumbrar o País distante dos clichês turísticos



TATIANA COELHO E ALVARO MACHADO

Na rua aos fundos do templo, adquiriu um edifício onde abriu pousada e agência de turismo, enquanto aguardou um tráfego crescente para a base local de lançamento de foguetes. Mas, em 2003, uma explosão matou ali 21 profissionais, vítimas da degradação de condições de trabalho e

•CCBrasiliana915ok.indd 10 8/17/16 3:28 PM







Os tesouros ocultados. As ruas de São Luís, que também abrigam o festival conduzido há cinco anos por Vassas. O Yaqin Ensemble toca na Sé de Alcântara. E o anjo barroco no detalhe

segurança. Desistir como, se agora se sentia mais brasileiro que francês? Junto aos órgãos de preservação reivindicou implementar a proposta de turismo qualificado que viu vitoriosa em Cuba, capaz de autofinanciar restauros e conservação das belas construções azulejadas. Isso, raciocinava, atrairia a classe média, que, ao não encontrar nada mais que fotos de cartão-postal, nem mesmo um bom café, não voltava ao lugar. Mas ninguém se interessou por autossustentação dos edifícios históricos no estado dos latifúndios. "O patrimônio é visto como problema, mais do que vantagem", reflete Vassas. "Depende-se de pareceres do instituto do patrimônio federal, contrariados pelo congênere estadual, que por sua vez se confronta com o respectivo órgão municipal, já que os partidos políticos são diferentes."

"Gostaria de ver mais atitudes de luta no Brasil. A cultura do medo leva ao fracasso"

O francês recomeçou então por outro caminho. Em Alcântara, com ramificações nos teatros e igrejas de São Luís, Bacabeira e Rosário, criou um festival anual de música clássica e antiga, financiado pelo BNDES e pela Lei de Incentivo à Cultura. Protagonizado por grupos brasileiros e estrangeiros de primeira água, o evento cumpriu seu quinto ano em julho. E Vassas abriu um novo escritório de negócios com esporte e cultura brasileiros em setembro do ano passado. Desta vez, em outro clima tropical úmido, na maior cidade da República Socialista do Vietnã, Ho Chi Minh. Passou a dividir-se entre a ex-Saigon, o Rio e a outrora gloriosa França Equinocial, onde, em 1945, o etnólogo Pierre Verger testemunhou o rei São Luís de França "reencarnar" em uma filha de santo da Casa dos Nagôs.

De nacionalidade francesa, Vassas nasceu na costa argelina, como o escritor Albert Camus, mas, em 1962, o movimento pela independência do país provocou o êxodo de sua família de vinheiros para Nîmes, no sul da França. "Aos 14 anos, eu já havia feito sozinho toda a Europa. Aos 16 fui à Turquia e ao Irã. Aos 19, à Índia e ao Nepal." Pós-graduou-se em jornalismo em Paris, foi correspondente do *Le Figaro*, mas acabou como o primeiro empresário de uma família de funcionários públicos. Aos 58 anos diz-se impregnado da "energia positiva" da época de sua migração. "Com o fim do regime autoritário, vi que o Brasil merecia ser conhecido para além dos clichês turísticos. Não estava de moda, mas já era emergente. Hoje minha relação é de amor e ódio, e tento devolver algo ao país que me permitiu reerguer, especialmente à gente carinhosa e sensível do Maranhão. Ao mesmo tempo, gostaria de ver mais atitudes de luta, de menos medo ante a pobreza e a violência na qual vive mergulhada essa gente. A cultura do medo e do não risco conduz ao fracasso." •

•CCBrasiliana915ok.indd 11 8/17/16 3:28 PM